

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA

Luana Veras Weinmann

**Práticas Circenses na Escola: um relato de experiência**

Porto Alegre

2016

Luana Veras Weinmann

## **Prática Circense na Escola: um relato de experiência**

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Lisiane Torres e Cardoso

Porto Alegre

2016



Luana Veras Weinmann

**Prática Circense na Escola: um relato de experiência**

Conceito final:

Aprovado em ..... de ..... de .....

BANCA EXAMINADORA

---

---

Orientador – Prof. Dra. Lisiane Torres e Cardodo - UFRGS

## AGRADECIMENTOS

Venho agradecer pela colaboração de numerosas pessoas, as quais, direta ou indiretamente, contribuíram para a conclusão deste trabalho.

Inicialmente e especialmente, agradeço aos meus pais, Amadeu de Oliveira Weinmann e Cláudia Veras, pelo imensurável apoio, incentivo, criação e amor. Esse trabalho é reflexo de tudo o que vocês me ensinaram. Agradeço também aos meus irmãos, Daniel de Souza Weinmann e Camila de Souza Weinmann, por serem sempre o meu porto seguro, meus confidentes e parceiros de todos os momentos.

A família, não somente de sangue, que a vida me proporcionou: Mara, Cláudio, André, Luiza, Laura, Zé e Joaquina. O apoio e carinho de vocês me deu muita força para continuar nos meus projetos, por mais difíceis que fossem. Aos meus tios e primos, sempre presentes com seus incentivos e palavras de carinho. Aos meus padrinhos do coração, Chico e Nara, meu pai e mãe emprestados, sempre me acolhendo e me enchendo de amor. Às minhas avós, Núria (*in memoriam*) e Magaly, por todo amor durante a minha criação. A essência de vocês carrego sempre comigo.

Aos amigos de tanto tempo que já são família: Felipe Silveira, Mariana Prado, Jessica Saldanha, Tatiana Magalhães, Camila Magalhães e Lafaiete Bacellar, por todos esses anos que caminhamos juntos, todos os abraços, socorros e palavras de carinho durante esse período. Aos amigos do coração, Luiz Gustavo Guidolin, Gabriela Kerkhof, Caroline Araujo, Carolina Dias, Tamiris Duarte e Fernanda Costa, por mais que não sejam amigos de longa data, já são essenciais na minha vida. A todos da Operação Palha-Assada, por terem me ensinado tanto. Esse projeto foi uma das inspirações para este trabalho. Aos irmãos que ganhei através dos palhaços: Rafael Finger, Dácio Piloti, José Augusto e Jaine Santin.

Agradeço muito ao Francisco Lepkoski, minha dupla de estágio, parceria enquanto realizava esse conteúdo no estágio, sempre atencioso e compreensível, melhor dupla! Ao Gabriel Martins, por me passar um pouco da sua sabedoria com os malabares.

Agradeço também a todos os colegas de trabalho do Clube Caixeiros Viajantes, pela compreensão e força. Especialmente ao Márcio Rocha e ao Klauber Pompeo, pelo apoio que deram para que eu conseguisse focar neste trabalho durante as últimas semanas de TCC.

E, por último, mas não menos importantes, aos mestres da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por todos os ensinamentos, questionamentos e oportunidades. Agradeço especialmente à minha orientadora, Profa. Dra. Lisiane Torres e Cardoso, por ter me acompanhado desde o início da minha jornada na Universidade até o final, sempre me incentivando a crescer e aprender mais. Agradeço também a Professora Anelise Gaya, quem confiou no meu projeto durante do estágio, sempre me desafiando e me fazendo pensar um pouco mais sobre essa prática, pela qual me apaixonei trabalhando na escola.

## RESUMO

O circo, que muitas vezes pode ser considerado apenas um lugar de lazer, tem muita prática corporal por trás das cortinas. Nele se trabalha habilidades importantíssimas para o desenvolvimento de uma pessoa. O desenvolvimento das atividades circenses na escola ultrapassa o simples controle do corpo. Elas geram atitudes com potencial educativo. Este trabalho configura-se como um relato de experiência sobre a prática pedagógica do circo durante o Estágio de Docência de Educação Física no Ensino Fundamental. O objetivo deste trabalho é expressar as dificuldades enfrentadas e os êxitos alcançados no desenvolvimento de aulas de Educação Física com o conteúdo de atividades circenses. O referido estágio foi realizado no segundo semestre do ano de 2016, na Escola Estadual de Educação Básica Presidente Roosevelt, localizada no município de Porto Alegre, em uma turma de quarto ano com 23 alunos, sendo 10 meninas e 13 meninos. Durante 14 aulas ministradas duas vezes por semana, com a duração de 45 minutos cada, foram desenvolvidas as seguintes atividades: acrobacias, malabares, swing poi, slackline e a imagem do palhaço. A partir da análise do diário de campo produzido no estágio, foram organizadas seis categorias para apresentação das situações vivenciadas: diagnóstico da turma e aula de integração; slackline; acrobacias; expressão corporal e imagem do palhaço; malabares e swing poi; momentos de práticas e de criação dos alunos. Os resultados deste estudo sugerem que, a partir do diagnóstico e da aula de integração, foi mais fácil propor as atividades, pois, conhecendo a turma e criando um laço com ela, a confiança e a entrega deles foi bem maior. No slackline, ficou claro não só o aperfeiçoamento do equilíbrio deles, mas também da autonomia. As acrobacias nos desafiaram um pouco mais, mas também confirmaram o valor da resiliência e de acreditar sempre na melhora através da prática. Foi nas atividades de expressão corporal e de imagem do palhaço que, através da sensibilidade e empatia, realmente nos unimos em aprendizados. Através dos malabares e swing pois foi percebido um grande avanço no processo criativo e exploratório das habilidades com objetos. Por último, mas não menos importante, os momentos de práticas e de criação evidenciaram a validade de

propor atividades circenses na Educação Física escolar, uma vez que os estudantes demonstraram lembrar dos conteúdos abordados e envolveram-se muito na realização das atividades, expressando sua capacidade criativa.

Palavras-chave: Educação Física Escolar, atividades circenses, criatividade.

## ABSTRACT

The circus, which can often be considered just a place of leisure, has plenty of body practice behind the curtains. In it you can work very important skills for the development of a person. The development of circus activities at school goes beyond mere control of the body. They generate attitudes with educational potential. This work is configured as an experience report about the pedagogical practice of the circus during the Teaching Internship of Physical Education in Elementary School. The objective of this work is to express the difficulties faced and the success achieved in the development of Physical Education classes with the content of circus activities. This stage was held in the second half of 2016, at the State School of Basic Education President Roosevelt, located in the city of Porto Alegre, in a fourth year class with 23 students, 10 girls and 13 boys. During 14 classes taught twice a week, with a duration of 45 minutes each, the following activities were developed: acrobatics, juggling, swing poi, slackline and the clown image. From the analysis of the field diary produced in the stage, six categories were organized to present the situations experienced: class diagnosis and integration class; Slackline; Acrobatics; Body expression and clown image; Juggling and swing poi; Moments of practice and creation. The results of this study suggest that, from the diagnosis and the integration class, it was easier to propose the activities, because, knowing the class and creating a bond with it, the trust and the delivery of them was much greater. In the slackline, it was clear not only the improvement of their balance, but also of the autonomy. In the acrobatic's classes the students challenged us a bit more, but they also confirmed the value of resilience and always believe in improvement through practice. It was in the activities of body expression and the image of the clown that, through sensitivity and empathy, we really unite in learning. Through the juggling and swing poi, a great advance in the creative and exploratory process of the abilities with objects was perceived. Last but not least, the moments of practice and creativity showed the validity of proposing circus activities in Physical Education at school, since the students demonstrated to remember the contents

approached and they were very involved in the accomplishment of the activities, expressing their creative capacity.

Key words: Physical School Education, circus activities, creativity.

## SUMÁRIO

1. Introdução.....	11
2. Revisão de Literatura.....	13
2.1 Circo enquanto Patrimônio Cultural.....	13
2.2 Circo na Educação Física.....	16
2.3 Circo como Motivador da Criatividade.....	22
3. Metodologia.....	26
4. A Prática Pedagógica das Atividades Circenses.....	27
4.1 Diagnóstico da Turma e Aula de Integração.....	27
4.2 Slackline.....	29
4.3 Acrobacias.....	33
4.4 Expressão Corporal e a Imagem do Palhaço.....	35
4.5 Malabares e Swing Poi.....	39
4.6 Momentos de Práticas e de Criação.....	41
5. Considerações Finais.....	45
6. Referências Bibliográficas.....	47
7. Apêndices.....	50
7.1 Modelo de Plano de Aula e Atividades.....	50
7.2 Plano de Ensino.....	51

## 1. INTRODUÇÃO

O que é o circo? Qual a primeira coisa que vem à cabeça quando se discute as atividades circenses? Será que a visão atual de circo permite que isso seja algo imaginado dentro da Educação Física escolar? Esses são os primeiros questionamentos que me fiz, antes de começar a imaginar este estudo.

A Educação Física é o componente curricular da Educação Básica que aborda as práticas corporais. Porém, tais práticas corporais são muito variadas. Algumas são bem conhecidas, como, por exemplo, o futebol. Outras, como as atividades circenses, por serem muitas vezes consideradas apenas lazer, ainda são pouco exploradas.

De acordo com a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), é responsabilidade da Educação Física tratar das práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, por meio da gestualidade e do patrimônio cultural da humanidade, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história. Duprat e Bortoleto (2007) afirmam que a escola é um dos principais meios de transmissão e produção de cultura e que, considerando o circo uma parte importante da cultura corporal, justifica-se a inclusão desse conhecimento no universo educativo como um conteúdo pertinente. Mais especificamente, como um conteúdo particular ao professor de Educação Física, responsável pela transmissão da cultura corporal.

Sendo o circo um patrimônio cultural, já passado e sobrevivido por gerações, por que não ser legitimado dentro das aulas de Educação Física Escolar?

Por mais que já faça tempo que o circo é discutido dentro das aulas de Educação Física escolar, a sua utilização ainda é vista como algo inovador. Esse circo que envolve o imaginário, onde há um despertar do corpo para as manifestações de alegria, riso e fantasia. E foi neste ponto que o circo me tocou.

Eu sempre gostei muito do circo, sempre acreditei na força do riso e no poder de um abraço, mas isso se materializou para mim quando entrei para um

grupo de Drs. Palhaços, no qual a magia não existia somente para as crianças, mas para todos nós. Juntei as práticas corporais que sempre gostei e pratiquei, a dança e a ginástica, com a imagem do palhaço e me questioneei: por que não levar isso para a escola? Por que não desenvolver a sensibilidade, a arte, as habilidades e capacidades dos meus alunos? Vi essa possibilidade no circo e acredito na validade das atividades circenses dentro da Educação Física Escolar.

Então, na ocasião da realização do Estágio de Docência de Educação Física no Ensino Fundamental, propus o desenvolvimento das atividades circenses. Este trabalho configura-se como um relato de experiência sobre a prática pedagógica do circo durante o referido Estágio. O objetivo deste trabalho é expressar as dificuldades enfrentadas e os êxitos alcançados no desenvolvimento de aulas de Educação Física com o conteúdo de atividades circenses.

Realizei a revisão de literatura apresentando três temas que considero importantes para uma melhor compreensão sobre as práticas circenses: Circo enquanto Patrimônio Cultural, Circo na Educação Física e Circo como Motivador da Criatividade.

No capítulo três apresento o detalhamento da metodologia utilizada e, no capítulo quatro, explico as situações vivenciadas e minhas reflexões a partir das mesmas. Concluindo o trabalho, apresento as considerações finais.

Tenho a expectativa de que este estudo motive outros colegas do Curso de Licenciatura em Educação Física a desenvolver as práticas circenses no ambiente escolar.

## 2. REVISÃO DE LITERATURA

Para uma melhor compreensão sobre as práticas circenses, apresento esta revisão de literatura a partir de três temas que considero importantíssimos: Circo enquanto Patrimônio Cultural, Circo na Educação Física e Circo como Motivador da Criatividade.

### 2.1 Circo enquanto Patrimônio Cultural

A história do circo é muito incerta, a partir do momento em que não se sabe exatamente onde surgiu a ideia de juntar pessoas com habilidades e praticas diferentes para formar um espetáculo. De acordo com Pantano (*apud* Sanches, 2015):

A história do circo como algo impreciso e relata a existência de dois caminhos que procuram entender e explicar a origem do circo. Uma das vertentes dialoga que o circo tenha origem nos jogos (olimpíadas) que eram realizados na Grécia e dos espetáculos realizados pelos gladiadores romanos. A outra vertente está relacionada às apresentações que os saltimbancos: palhaços, equilibristas e acrobatas realizavam em feiras, praças e espaços públicos, utilizando-se de sua arte como forma de sobrevivência. (p. 26).

Apoiando essa ideia, Ruiz (*apud* Rodrigues, 2007) conta que as práticas corporais circenses foram constituídas ao longo de muitos séculos, com influencias de muitas culturas, como a Chinesa, Romana e Grega. De acordo com Bortoleto e Machado (*apud* Rodrigues, 2007), foram encontrados na China manuscritos antigos que informam que os guerreiros treinavam acrobacias e equilíbrio com o único objetivo de aumentar a agilidade, a flexibilidade e a força física. Era uma forma de treinamento de guerra. Rodrigues (2007) ainda conta que os Romanos tinham eventos populares que continham exibições de animais, duelos de vida ou morte, jogos e divertimentos populares com o intuito de alienar e distrair a população. Foram os romanos com seus espetáculos públicos que deram origem ao nome *circo*. A raiz desse termo é mantida até hoje. Rodrigues (2007) conta que os conquistadores gregos, em sua busca

particular de manifestação de força, participavam de exibições de malabarismos com objetos de grande porte e relativamente pesados, como, por exemplo: rodas de carroças. Havia um lugar designado para apresentações destinadas à contemplação da estética e valores nobres como a beleza, a verdade e a evolução e aventura de corpos no ar, em barras e argolas. As raízes gregas do circo estariam escritas nas Olimpíadas da Grécia Antiga.

Já Costa, Tiaen e Sambugari (2008) contam que o circo surgiu de atividades de entretenimento, de modelos de preparação física, de elementos das festividades sacras e religiosas, de apresentações públicas nas praças, ruas, tablados, teatros populares, para constituir-se hoje como uma arte dos malabaristas, equilibristas, acrobatas, trapezistas, palhaços e tantos outros artistas circenses. Neste mesmo artigo, é comentado sobre a transição que ocorre no decorrer do século XIX, onde os circos começam a sair da rua para se apresentar em espaços fechados, permitindo assim a cobrança de ingressos. Esses espaços eram encontrados mais nas periferias das grandes cidades, mais voltados para as classes populares e, sendo assim, o seu investimento não se deu em termos de espaços e equipamentos, mas sim nos elementos humanos, suas destrezas, habilidades e criatividade. Por isso que até hoje os palhaços são as figuras centrais, dependendo muito deles o sucesso do circo.

Segundo Andrade (*apud* Petti, 2013), no que diz respeito às atividades do circo durante a Idade Média, é desse período o surgimento das raízes de algo que poderíamos chamar de cultura popular, voltada especialmente para o público não encastelado. Já os espetáculos de circo demoraram um pouco mais para surgir. Silva (*apud* Hauffe e Junior, 2014) conta que em 1782 Astley inaugurou um local permanente para espetáculos, o Real Anfiteatro Astley de Artes. No mesmo ano, Charles Hughes, ex-artista de sua companhia, inaugurou uma rival, a “Royal Circus”. Foi quando se ouviu pela primeira vez o termo Circo para descrever um espetáculo com formato inovador que reunia a diversidade das artes da época como teatro, música, dança acrobacia e cavalaria. Este formato expandiu-se pela Europa, América e Ásia.

Como podemos perceber, dentro da história do circo existem várias narrativas, todas com suas devidas importâncias, as quais vêm construindo as

características do circo como uma cultura popular cheia de outras culturas populares.

Dentro da história do circo, é vista uma alteração na formação dos seus artistas. Silva (*apud* Takamori et. al., 2010) conta que o processo de ensino e aprendizagem dentro do circo prosseguiu “através da transmissão da arte do pai para o filho” (oralidade) independente do circo vigente (“circo família”, “circo tradicional”, “novo circo”, “circo moderno” e “circo teatro”). Porém, com o surgimento das escolas de circo de 1940 a 1950, iniciou-se uma ruptura desse modo de transmissão do saber circense. “Dentro dessa lógica, os elementos circenses saem das lonas e começam a ser trabalhados em diferentes espaços, eventos, projetos sociais e, inclusive, no âmbito escolar, dentro da disciplina de Educação Física.” (Silva *apud* Takamori et. al., 2010, p. 2).

A inserção das práticas circenses como vivências corporais no ambiente escolar é também abordada por Bortoleto (2011). Segundo este autor, os professores de Educação Física assumiram as atividades circenses como uma possibilidade de conteúdo a ser trabalhado, a partir do momento em que perceberam as relações das práticas circenses com a cultura popular, com a transformação de atividades cotidianas em linguagem artística e, sobretudo, com os conhecimentos sobre o corpo e sua potencialidade expressiva:

Há mais de uma década recitamos em aulas e cursos que nossa decisão de levar as atividades circenses para as aulas ou, visto de outra forma, de trazê-las para nosso espaço de trabalho não pode ocorrer senão acompanhada de um compromisso firme e respeitoso. Por mais que façamos distinção entre ensinar circo (para nós, este é dever das escolas especializadas para pessoas que desejam se tornar artistas) e desenvolver as “atividades circenses”, por considerá-las parte do patrimônio cultural e, portanto, da cultura corporal (que é o que os professores de Educação Física fazem), nossa intervenção não pode isolar ou desconsiderar o contexto histórico e cultural próprio do circo. Este posicionamento requer novos estudos e sério compromisso acadêmico. (p. 46)

Quais os argumentos para contemplar as práticas circenses dentre os conteúdos da Educação Física Escolar? No item a seguir, apresento o posicionamento de alguns autores.

## 2.2 Circo na Educação Física

Além dos autores já referenciados, outros defendem as práticas circenses como conteúdos a serem abordados na Educação Física Escolar. Rodrigues (2007) afirma que é função da Educação Física proporcionar alternativas de incentivo criativo e de expressão corporal, garantindo na escola um espaço de resgate histórico da cultura popular, a qual é composta por instrumentos poderosos de construção para uma educação inclusiva. Complementando esse argumento, Costa, Tiaen e Sambugari (2008) afirmam:

Viabilizar no âmbito escolar as práticas circenses é também resgatar outras e mais diversificadas fontes de informação e cultura, fazendo do circo um instrumento para inovação das práticas escolares. Assim, a dimensão interdisciplinar das práticas circenses se assenta em propostas que valorizam a criatividade, a sensibilidade, proporcionando vivências lúdicas, experiências corporais que se utilizam da ação, do pensamento e da linguagem, tendo no jogo, na brincadeira e na fantasia, sua fonte dinamizadora. (p. 205)

É preciso entender o circo como uma manifestação cultural que está presente na prática social e deve ser tratada pedagogicamente na escola, para que seja perpetuado e transformado ao longo dos anos como uma das produções culturais da humanidade, portanto, um importante elemento da cultura corporal, esta entendida enquanto objeto de estudo da Educação Física (Gonçalves & Lavoura, 2011).

Bortoleto e Machado (*apud* Sanches, 2015) justificam a inserção das atividades circenses na escola defendendo que as instituições de ensino se apresentam comprometidas em transmitir o legado cultural existente e, portanto, o circo entendido como componente da cultura corporal de movimento não pode ficar fora disso.

Gonçalves e Lavoura (2011) sinalizam que a escola pode propiciar aos alunos o estabelecimento de uma relação diferenciada com o circo:

Assim, fazer com que os alunos sejam capazes de combinar habilidades motoras, nas suas diversas possibilidades

(variações); conhecer a história e a realidade do mundo do circo; construir valores e atitudes em meio às experiências possibilitadas; experimentar diferentes formas de linguagem corporal e social; explorar a capacidade mimética, de representação, encenação e criação; possibilitar aos alunos se reconhecerem e se relacionarem de forma crítica com o circo; entender os códigos, signos, sentidos e significados do universo do circo; enfim, acredita-se que sejam possibilidades de apropriação significativa desta parcela da cultura corporal, oportunidades estas, as quais permitem aos alunos usufruírem desta cultura de maneira crítica. (p. 82)

As relações das práticas circenses com a cultura popular, com a transformação de atividades cotidianas em linguagem artística e, sobretudo, com os conhecimentos sobre o corpo e sua potencialidade expressiva, torna o circo um conteúdo relevante no currículo escolar. Além disso, como apontam Takamori et. al. (2010):

O circo por ser considerado como patrimônio cultural que, com as referências culturais e preservação da identidade de um povo, resiste aos movimentos globalizadores, os quais descaracterizam identidades, impossibilitando as gerações seguintes de conhecer esta forma de expressão artística. A cultura circense une histórica e geograficamente um povo, e, dentro desta perspectiva, facilita o processo de ensino e aprendizagem pela reflexão sobre a identidade social de um grupo. (p. 2)

A importância das atividades circenses dentro da educação física escolar é vista também através do desenvolvimento e crescimento dos alunos, seja ele motor, cognitivo ou cultural. Como assinala Duprat (2007), a riqueza de possibilidades de movimentos propiciados pela arte circense, desde as formas mais simples até as mais complexas, individuais ou em grupo, propicia aos alunos uma grande diversidade de experiências motoras, proporcionando vivências corporais únicas de expressão, perigo, criatividade, magia e encantamento.

De acordo com Bortoleto (2011), a vivacidade das atividades circenses, bem como sua riqueza e diversidade de possibilidades para a educação corporal, estética e expressiva, emergem a partir das últimas duas décadas do século XX, como elementos distintivos e reveladores de grande potencial

pedagógico. Nesse sentido, a união entre as atividades circenses e a Educação Física é proveitosa tanto para a Educação Física, que recebe as atividades circenses e nela vê novas possibilidades, quanto para as atividades circenses, que veem na Educação Física um espaço de multiplicação de seus conhecimentos, de construção de novas pedagogias e de ampliação de seus apreciadores.

Concordo com a ideia de que a aplicação das atividades circenses na escola não aborda somente o desenvolvimento motor dos alunos, mas sim todo um desenvolvimento cultural e expressivo de cada um deles. Na atualidade a educação física se relaciona de uma forma muito mais afinada com o desenvolvimento da arte circense, como uma área específica de conhecimento e expressão artística.

Duprat e Bortoleto (2007) ressaltam o circo como um grande aliado na educação física escolar, pois ele conduz para uma educação física mais artística, mais dedicada às atividades de expressão corporal, permitindo assim que seja compreendida a arte de se movimentar, onde o professor é o ser humano e o objeto de estudo é o gesto, este um movimento com significado e intenção.

Concordando com isso, Takamori et. al. (2010) comentam que a educação física escolar, através das atividades circenses, possibilita a inclusão de todos, respeitando a diversidade existente, na busca de uma educação de qualidade incitando a criatividade e autonomia por meio do movimento corporal e suas reflexões. Dessa maneira Takamori et al. (2010) também assinalam que, por se tratar de uma manifestação da cultura corporal, a arte circense pode ser vista como uma forma organizada, multifacetada, inter-relacionada de educar o físico, legitimada pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB).

Em sintonia com esse ponto de vista, para Aquino (2014) o papel primordial da Educação Física Escolar, associada às atividades circenses, é proporcionar aos educandos um contato com a cultura corporal existente no circo, em um nível de cobrança elementar, destacando as potencialidades expressivas e criativas, assim como os aspectos lúdicos propiciados por essa prática.

Para que as atividades circenses sejam oportunizadas na escola, é importante considerar a formação do professor de Educação Física. Costa, Tiaen e Sambugari (2008) afirmam que estes profissionais podem promover a relação entre a prática e a teoria, dando cada vez mais vida para as suas aulas, onde o professor se aceita na posição de aluno também, estando aberto para aprender e compartilhar o desenvolvimento de seus alunos. Assim, ele terá mais condições de ajudá-los a se tornarem sujeitos críticos para um mundo cada vez mais dinâmico.

Para Soares (*apud* Bortoleto, 2011):

Os limites disciplinares da Educação Física são conhecidos, assim como as problemáticas próprias da formação inicial e das díspares realidades em que as intervenções pedagógicas acontecem, mas nada justifica uma abordagem amputada e descontextualizada. Os adequados argumentos podem instigar nossos alunos a se converterem em verdadeiros entusiastas das práticas corporais, das artes e das ciências delas. Podem, inclusive, conduzi-los para além das fronteiras do ato motor, aproximando-os do corpo poético. Deste modo, é na historicidade, no rico universo simbólico e no imaginário coletivo que envolve o circo que devemos ancorar nosso discurso pedagógico. É de tudo isso que trata a educação corporal. (p. 46)

Na visão de Aquino (2014), o professor de Educação Física, apenas com o tema circo, pode executar exercícios que envolvam o equilíbrio, a flexibilidade, a coordenação motora, a expressão corporal, entre outras capacidades, auxiliando no completo desenvolvimento do educando. Além da possibilidade de trabalhar todas essas capacidades motoras individuais, o educador pode deixar que a competição seja colocada em um segundo plano e, assim, priorizar a motivação em relação à cooperação entre os estudantes. Bortoleto (2011) entende que a apropriação desses conteúdos por parte dos profissionais da Educação Física representa uma oportunidade de aprendizagem e reflexão sobre um campo do conhecimento cada vez menos comum nas aulas: as artes corporais.

Conforme observado por Duprat, Barragán e Bortoleto (2014), uma grande vantagem é a ampla variedade das atividades circenses, que permitem que qualquer aluno possa encontrar alguma prática que seja adequada às suas

afinidades e qualidades, passando pelos elementos acrobáticos, de equilíbrio, expressivos, etc. Desse modo, tanto os alunos que encontram mais dificuldades, quanto aqueles que não as encontram poderão vivenciar uma experiência satisfatória. Assim, eles entendem as atividades circenses como uma possibilidade de trazer à escola novos horizontes, cabendo aos professores à responsabilidade de trabalhar com essa temática nas aulas. Dessa forma, uma proposta educativa de qualidade não depende só das práticas planejadas, depende também do engajamento de quem seja o responsável pelo processo.

Duprat, Barragán e Bortoleto (2014) entendem que o nosso objetivo enquanto professores de Educação Física é oferecer aos alunos um amplo leque de possibilidades, que lhe permitam vivenciar parte das modalidades circenses no espaço escolar e, assim, conhecer alguns aspectos desta cultura secular. Para isso, buscamos um processo de ensino/aprendizagem prazeroso, criando o gosto pela atividade a partir de propostas lúdicas, focadas no prazer pela prática e não nas regras ou nas exigências técnicas.

Além disso, Caramês et. al. (2012) expõem que as linguagens artísticas desenvolvidas com as Atividades Circenses possibilitam às crianças oportunidade de expressar seus sentimentos, ter novas experiências e aumentar sua autoestima. Isso ocorre por perceberem que são seres capazes de realizar atividades artísticas e de produzir uma cultura, fazendo com que possam acreditar em si mesmos e em seu potencial.

Para os alunos, as práticas de atividades físicas são muito relevantes para desenvolver emoções, formação da identidade. De acordo com Frota (*apud* Petti, 2013 p. 8): “o circo tem o poder de estreitar o relacionamento entre os alunos, que trocam risadas, descobrem as possibilidades de seu corpo, dissipam as diferenças de idade enquanto saltam na cama elástica ou praticam malabares.” O sonho de todo professor comprometido com o seu trabalho é ver o desenvolvimento e crescimento dos seus alunos, vendo que a experiência que lhe foi proporcionada em aula não se limitou ao aprendizado para aquele momento da disciplina, mas sim um aprendizado para a vida deles. Como observa Bortoleto (2011):

O que mais queremos é que nossos alunos saltem, girem, façam suas acrobacias, vivenciem a arte funambulesca do equilíbrio, transcendam sua atuação corporal para o campo da expressividade, da poética, vivam, mesmo que brevemente, a magia e o encantamento do circo (Invernó, 2003), mas tudo isso, como salienta Coasne (1992), amparando-nos numa atitude de pesquisa, de busca de novos e sólidos conhecimentos, para não recalcar a perturbadora fama de práticos, cuja capacidade reflexiva não vai além da dimensão físico-motora. (p. 46).

Nesse sentido, Daolio (*apud* Aquino, 2014) compreende que:

A utilização das atividades circenses nas aulas de Educação Física Escolar, traz aos estudantes o acesso a esse tipo de manifestação cultural e histórica, o que torna possível atender a um dos fins dessa instância de ensino, certificando que os estudantes irão adquirir maior autonomia no que diz respeito aos elementos da cultura corporal, para que no decorrer de suas vidas, futuramente, eles sejam capazes de praticar e apreciar atividades esportivas, expressivas, ou atividades de dança em momentos que façam parte do seu lazer. (p.10)

Para Gonçalves e Lavoura (2011), o objetivo do trabalho das Atividades Circenses na Escola é fazer com que os alunos sejam capazes de combinar habilidades motoras, nas suas diversas possibilidades (variações); conhecer a história e a realidade do mundo do circo; construir valores e atitudes em meio às experiências possibilitadas; experimentar diferentes formas de linguagem corporal e social; explorar a capacidade mimética, de representação, encenação e criação; possibilitar aos alunos se reconhecerem e se relacionarem de forma crítica com o circo; entender os códigos, signos, sentidos e significados do universo do circo; enfim, acredita-se que sejam possibilidades de apropriação significativa desta parcela da cultura corporal, oportunidades estas que permitem aos alunos usufruírem desta cultura de maneira crítica.

Aos poucos vamos reconhecendo que há possibilidade do circo ser tratado pedagogicamente na escola, para que seja perpetuado e transformado ao longo dos anos como uma das produções culturais da humanidade. Para isso, a escola tem um papel importantíssimo, como afirmam Gonçalves e Lavoura (2011):

A escola é compreendida enquanto instituição social, cuja função é a de contribuir para a materialização do processo de educação, o qual envolve, dentre muitas situações, a inserção do sujeito na cultura, possibilitando a construção de conhecimentos produzidos pelos homens visando suas necessidades e, sendo assim, a formação humana. (p. 78)

A partir disso é perceptível que as atividades circenses, quando trabalhadas como parte do conteúdo curricular das aulas de Educação Física Escolar, dão possibilidade a uma relação mais direta e de afetividade entre os demais estudantes, também por conta do nível de aceitação que é estabelecido, o que permite que seja desenvolvido um processo educativo por meio de blocos que serão trabalhados no decorrer das aulas de Educação Física Escolar com as acrobacias, o malabarismo, o equilíbrio corporal e alguns jogos expressivos (Caramês *apud* Aquino, 2014).

Assim, Gonçalves e Lavoura (2011) materializaram o circo pedagogicamente manifestado nas aulas de Educação Física escolar, apropriando-se de seus conhecimentos e entendendo a expressão corporal como linguagem, ampliando experiências motoras, comunicando-se com o mundo concreto e realizando fantasias com o brincar de circo. Com isso, concordando com Petti (2013), concluiu-se que as artes circenses unidas à Educação Física trazem diversos benefícios: da melhora na motivação e na autoestima, diminuindo assim o estresse e conseqüentemente o grau de ansiedade, além de benefícios físicos. A arte complementa a Educação Física, e as artes circenses, dança e teatro são as modalidades artísticas que mais se aproximam dela.

Para além das capacidades e habilidades físicas e do desenvolvimento da expressão corporal, o circo pode estimular o desenvolvimento da criatividade, como será abordado no item a seguir.

### 2.3 Circo como Motivador da Criatividade

Rodrigues (2007) afirma que é função da Educação Física proporcionar alternativas de incentivo criativo e de expressão corporal, garantindo na escola

um espaço de resgate histórico da cultura popular, a qual é composta por instrumentos poderosos de construção para uma educação inclusiva. No âmbito do processo criativo, de acordo com Ostrower (1977), podemos considerar a criatividade um potencial inerente ao homem e a realização desse potencial uma de suas necessidades.

Para Zinker (2007), a criatividade representa a ruptura dos limites, a afirmação da vida além da vida, mostra a criatividade como um ato de coragem, onde a pessoa aceita se arriscar ao ridículo e ao fracasso para experienciar esse dia como uma novidade, como algo inédito. Eu compreendo isso como a criatividade ser uma das experiências de exposição, de conhecimento, de risco, mas, com isso, de aprendizagem.

Relacionando isso às práticas das atividades circenses, Duprat (2007) expressa que nós, como educadores, devemos nos preocupar com a adequação das atividades para que acompanhe o desenvolvimento físico, afetivo e cognitivo da criança, a fim de que o objetivo final – o favorecimento da auto expressão – seja atingido. Para isso, devemos oferecer aos alunos meios para que, gradativamente, desenvolvam a espontaneidade, a imaginação, a percepção, a observação e, conseqüentemente, a sua criatividade.

Ostrower (1977) afirma que o criar só pode ser visto num sentido global, como um agir integrado em um viver humano, percebendo que, de fato, criar e viver se interligam e que a natureza criativa do homem é elaborada no contexto cultural. Para a autora, todo indivíduo se desenvolve em uma realidade social, cujas necessidades e valorações culturais se moldam os próprios valores de vida. Dentro de cada indivíduo confrontam-se, por assim dizer, dois polos de uma mesma relação: a sua criatividade que representa as potencialidades de um ser único e sua criação que será a realização dessas potencialidades já dentro do quadro de determinada cultura. Assim, uma das ideias básicas dessa autora é considerar os processos criativos na interligação dos dois níveis de existência humana: o nível individual e o nível cultural.

Considerando o circo como manifestação cultural, podemos dizer que ele influencia já por si só o desenvolvimento criativo dos alunos. Concordando com isso, Caramês (*apud* Aquino, 2014, p. 15) afirma que:

As atividades circenses devem ser tratadas com os estudantes na forma de um saber pertencente à cultura corporal, de uma maneira que seja capaz de ocasionar a compreensão, a devida valorização e a apropriação dessa modalidade de manifestação artística, também por meio da ludicidade levada a um ambiente pedagógico, dado a partir de um processo que englobou, além da descoberta de uma nova alternativa de vivenciar esse mundo do circo, uma reflexão sobre a mesma e como é a sua realização, e o resgate da criatividade para a criação de movimentos próprios e diferenciados.

Nesse sentido, Duprat (2007), afirma que o desenvolvimento das atividades circenses ultrapassou o simples controle do corpo e que hoje elas geram atitudes com potencial educativo.

Para Costa et. al. (*apud* Marocolo, 2014), o circo traz um diferencial: uma possibilidade de criação e recriação dos movimentos e das representações, além de explorar a improvisação de materiais e instrumentos; possibilita a socialização, a cooperação e a troca de experiências. Nesse sentido, Zélia Maria Freire de Oliveira (2010) comenta que:

[...] alguns importantes fatores influentes no desenvolvimento do potencial criativo do ser humano (família, escola, ambiente de trabalho, contexto sociocultural e saúde do indivíduo), segundo as teorias sistêmicas da criatividade. As experiências familiares são fundamentais para a formação da pessoa, a constituição de valores, crenças, sentido crítico e criatividade. A escola é onde se passa grande parte da vida e, portanto, ideal para o desenvolvimento do potencial criativo, por meio de professores criativos que, valendo-se da criatividade, podem tornar suas aulas prazerosas e estimuladoras. As organizações, por sua vez, requerem indivíduos criativos, até por questão de sobrevivência no mercado. A criatividade também é influenciada pela cultura, dependendo da situação, das pessoas e de seus elementos constituintes. A saúde é vista como um processo de funcionamento integral de todo o ser, que aumenta e otimiza seus recursos, entre eles, a criatividade. (p. 83)

Alguns autores mostram a importância das atividades circenses para o desenvolvimento dos alunos, não somente no seu desenvolvimento motor, mas também o seu crescimento pessoal. Para Costa, Tiaen e Sambugari (2008), durante o processo de ensino e aprendizagem os alunos desenvolvem diferentes aspectos pessoais, como a sensibilidade na expressão corporal, a

cooperação, o desenvolvimento da criatividade, a melhora da auto-superação e da auto-estima.

Para Caramês et. al. (2012), as linguagens artísticas desenvolvidas com as Atividades Circenses possibilitam às crianças oportunidade de expressar seus sentimentos, ter novas experiências e aumentar sua autoestima. Isso ocorre por perceberem que são seres capazes de realizar atividades artísticas e de produzir uma cultura, fazendo com que possam acreditar em si mesmos e em seu potencial.

Para Marocco (2014), o ambiente social do circo e o tipo de exercício físico promovido gera visão do outro, da necessidade de colaboração e confiança; faz com que o indivíduo se arrisque e, com o apoio oferecido, perceba sua capacidade de superação, resiliência e tolerância, comportamentos, esses, característicos de pessoas com autoestima elevada.

Oliveira (2010) afirma que é fundamental a integração conjunta das estruturas primordiais do contexto educacional para propiciar a expansão da criatividade na escola: a) o professor, que deve ter domínio de sua disciplina e gostar do que faz; b) o aluno, cujas habilidades, estilos e interesses devem ser reconhecidos; c) o currículo, que deve ter, além da estrutura, conteúdo e metodologia, o apelo ao imaginário. Além disso, esse professor criativo deve conter algumas características básicas, como: ser aberto a novas experiências e mudanças, ser ousado e curioso, ter auto confiança, amar o seu trabalho, organizar uma aula com clima criativo, valorizar o trabalho criativo, dar espaço para o aluno pensar e refletir, cuidando para que os erros não reprimam o aluno, mas sim que sejam aceitos e assim façam parte do processo de aprendizagem e considerando sempre os interesses e habilidades dos alunos. Entendo que isso é importante para que as aulas funcionem em um sistema de troca, para que nós, professores, possamos aprender tanto com os nossos alunos, quanto eles com a gente.

### 3. METODOLOGIA

Este trabalho configura-se como um relato de experiência sobre a prática pedagógica do circo durante o Estágio de Docência de Educação Física no Ensino Fundamental. Este estágio foi realizado no segundo semestre do ano de dois mil e dezesseis, na Escola Estadual de Educação Básica Presidente Roosevelt do município de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, sendo considerada a maior e mais antiga escola do bairro Menino Deus, a qual atende estudantes oriundos de diversos bairros da cidade e com diferentes perfis socioeconômicos. Fazem parte do corpo docente da escola 58 professores e 16 funcionários, atendendo à comunidade em três turnos, oferecendo Ensino Fundamental, Ensino Médio Regular e Ensino Médio na Educação de Jovens e Adultos.

Esse estágio é desenvolvido em duplas, isto é, dois estagiários realizam aulas de Educação Física para cada turma de Anos Iniciais da escola. As aulas são desenvolvidas em dois dias da semana, terças e quintas, sendo um dia da semana conduzido por cada um dos estagiários. Cada aula tem a duração de 45 minutos.

Para a realização do estágio foi elaborado um Plano de Trabalho. As atividades circenses foram uma das temáticas abordadas e seu desenvolvimento foi realizado em quatorze aulas, durante os meses de Agosto, Setembro, Outubro e Novembro, em uma turma do quarto ano do Ensino Fundamental com 23 alunos, sendo 10 meninas e 13 meninos. Os conteúdos desenvolvidos foram: o slackline; as acrobacias; a expressão corporal e a imagem do palhaço; os malabares e o swing poi; e os momentos de práticas e de criação dos alunos.

Após cada plano de aula aplicado à turma, foi realizado um diário de campo, onde relatei tudo o que ocorreu durante as aulas. A partir da análise do diário de campo, foram organizadas seis categorias para apresentação das situações vivenciadas: diagnóstico da turma e aula de integração; slackline; acrobacias; expressão corporal e imagem do palhaço; malabares e swing poi; momentos de práticas e de criação dos alunos.

## **4. A PRÁTICA PEDAGÓGICA DAS ATIVIDADES CIRCENSES**

Apresento a seguir o relato das situações vivenciadas, organizadas em seis categorias: diagnóstico da turma e aula de integração; slackline; acrobacias; expressão corporal e imagem do palhaço; malabares e swing poi; momentos de práticas e de criação dos alunos.

### **4.1 Diagnóstico da Turma e Aula de Integração**

Após descobrir qual seria a turma em que eu e a minha dupla iríamos trabalhar no estágio, tivemos dois dias de diagnóstico para observar a turma e a escola e um dia para uma aula de integração. Essa aula de integração teve como objetivo principal nos conhecermos melhor e fazermos as combinações para as aulas de Educação Física. Para isso, organizei 3 atividades com esse enfoque: uma para as combinações (colamos um cartaz com as mesmas na sala); outra de entrevistas, para nos conhecermos melhor; e outra de cada um fazer um gesto enquanto fala seu nome, para que, de forma lúdica, pudéssemos perder um pouco da timidez.

No primeiro dia de observação, conversei um pouco com eles e nessa conversa consegui observá-los um pouco. Parece ser uma turma bem carinhosa, são bem amigos uns dos outros, mas se implicam bastante. Eles gostam de Vôlei e Handball e pareceram gostar bastante da ideia do circo, por mais que eu ache que eles não visualizaram muito esse conteúdo dentro da Educação Física Escolar. Nesse dia, ainda percebi a turma bem tranquila, eles estavam bem curiosos comigo lá no fundo da sala de aula, sempre me observando e uma vez que outra vindo me mostrar coisas e fazer perguntas, sempre muito queridos e carinhosos.

No segundo dia de observação, a turma já estava bem mais agitada. Com isso, deu para observar que eles são bem ativos mesmo, gostam de conversar e opinar sobre tudo o que está sendo discutido. Observei com isso que eles trabalham bem em grupos, eles se ajudam bastante e compartilham muito as coisas uns com os outros, são bem generosos.

Na aula de integração, percebi que, mesmo a turma conversando bastante e sendo bem agitada, eles se envolvem e se concentram muito, tanto nas atividades propostas quanto nas discussões, como se quisessem sempre se mostrar e participar. Nessa aula, realizei uma atividade de entrevista para que todos pudessemos nos conhecer melhor. Para esta atividade, preparei 4 questões para serem feitas aos colegas e professores: 1) Qual o teu nome? 2) Quantos anos tu tens? 3) Tu tens irmãos? Quantos? 4) O que tu achas mais legal em um circo? Nesta atividade, houve grande agitação, eles adoraram entrevistar os colegas e vinham nos contar cada coisa que descobriam de algum colega que eles não sabiam antes. Aproveitamos isso para fazer uma partilha no final da atividade, onde “Todos falaram e se mostraram entusiasmados com a atividade e a partilha, falaram que se acharam jornalistas famosos.” (Diário de campo, 18/08/2016).

Algo bem interessante é que a turma tem dois alunos especiais e, por mais que eles tenham dificuldades com as atividades, os colegas fazem com que eles se sintam bem incluídos em tudo. Mais de um foi entrevistá-los e também falaram suas respostas para eles anotarem.

Uma das perguntas da entrevista era sobre o que eles achavam mais legal no circo. Houve respostas muito variadas, mas as que mais se repetiram foram: a corda bamba, malabares, domador de leão e palhaço. Com isso, entrei um pouco na discussão com eles se eles gostariam de ver algumas dessas coisas em aula e eles curtiram muito a ideia, mas avisei que algumas coisas veríamos de forma parecida, mas não exatamente como é no circo. Eles entenderam e até falaram que não teria como levar um leão para o colégio, por exemplo. Uma coisa que na hora não dei enfoque na conversa, mas que seria interessante ter conversado é sobre o Projeto de Lei 7.291, de 2006, que Proíbe a Exploração de Animais em Circos em Todo o Brasil. Foi uma lei aprovada para a proteção da saúde dos animais.

Para a próxima atividade, fiz eles se mostrarem um pouco mais, tendo que fazer um gesto e falar o seu nome. No começo, eles ficaram bem desconfiados e um pouco tímidos, mas assim que começaram a fazer foram se divertindo.

Gostaram tanto da atividade dos gestos com nomes que acabamos fazendo duas vezes, pois tinham mais ideias de gestos que queriam fazer com os seus nomes, foi bem interessante nessa hora, saiu de tudo, desde algo mais ligado a movimentos dançantes, a saltos, estrelinhas, caretas e assim vai. Foi muito divertido. (Diário de campo, 18/08/2016).

Comecei já adorando essa turma, eles participam de tudo e não só participam como se envolvem mesmo como um coletivo. A turma sendo unida eles mesmos não permitem que ninguém fique de fora, estão sempre se chamando, se desafiando e fazendo as coisas juntos, mostrando sempre seus interesses no coletivo. Achei lindo isso.

#### 4.2 Slackline

Foram duas aulas com o objetivo específico do slackline. A primeira foi para uma vivência com o slackline e um maior desenvolvimento das habilidades necessárias para o mesmo. Já na segunda, o objetivo principal era uma maior experiência com o slackline e desenvolvimento nele. Logo que anunciei isso para a turma na primeira aula, todos se mostraram empolgadíssimos com a ideia.

Nesta primeira aula, tivemos um pouco de dificuldade logo no começo, na atividade do pega-pega linha, onde eles tinham que fugir e/ou pegar correndo sobre as linhas de uma quadra. Achei um pouco desorganizado, eles ficavam todos muito amontoados e, com isso, não conseguiam fazer o pega-pega ser algo mais duradouro. O que ajudou um pouco foi quando eu entrei na brincadeira, como pegadora, primeiramente, para ver se conseguia que eles se movimentassem mais sem ser tão grudados, o que ajudou, mas não tanto quanto imaginava. O que ajudou mais foi quando eu não era mais a pegadora e eles me viram usando as linhas alternativas da quadra, não só as principais e, com isso, conseguindo escapar mais. Então, o pega-pega começou a funcionar melhor, com uma melhor distribuição dos alunos e, assim, havendo uma maior diversidade de pegadores e proporcionando uma maior intensidade para a brincadeira.

Para as próximas atividades, modifiquei um pouco o que estava no plano. No plano dizia que seriam duas atividades separadas, primeiro a estafeta e depois o slackline. Porém, conversei com a professora Anelise, responsável pela disciplina do Estágio, e ela me lembrou que assim teria muito tempo de espera no slackline. Então, decidi fazer um circuito e transformar isso em duas estações, dividindo a turma em dois grupos, um na estafeta e outro no slackline. No slackline pedi para os alunos formarem duplas, para que um pudesse ajudar o outro: enquanto um ia caminhando no slackline, o outro ia segurando a mão deste. Assim, trabalharíamos, além do slackline, a cooperação e autonomia deles.

No slackline era um pouco difícil, então fiquei mais lá, eles se exaltavam muito com a atividade e às vezes era difícil que me escutassem, tive que relembrar a combinação número 1, de quando um fala, o outro escuta, várias vezes. Já na estafeta, acho que ficou meio fácil demais pra eles, mas também eu não aproveitei bem o espaço como poderia. Como o sol estava muito forte e eu quis deixar eles na sombra, as duas colunas acabaram ficando muito próximas e a estafeta estava meio curta. Eu poderia ter estendido mais as estafetas, dando mais espaço entre as mesmas e com as colunas mais afastadas. Assim, poderia ter feito um pouco mais competitiva essa atividade.

Para finalizar, contei para eles a história do slackline, de como o circo incorpora algo que era utilizado pelas pessoas que escalavam montanhas como um exercício de aperfeiçoamento do equilíbrio e força dos membros inferiores. Com isso, conversamos se eles achavam que o slackline fazia realmente parte da Educação Física e eles disseram que sim. Então perguntei o porquê e veio todo o tipo de respostas, que trabalha o equilíbrio, a força, o ajudar o colega e etc. Então perguntei do circo, se eles achavam que o circo fazia parte da Educação Física e aí houve um silêncio. Com isso, percebi que eles conseguem enxergar o slackline como um conteúdo da Educação Física, mas o circo em geral eles ainda tinham dificuldade para perceber essa incorporação, logo no começo de nossas aulas sobre o circo.

A turma nesse momento ainda estava com muita dificuldade de saber a hora de falar, se empolgavam muito e queriam falar o tempo todo, atropelando uns aos outros. Por causa dessa agitação e necessidade de falar, chamei a

atenção deles mais de uma vez e lembrei a nossa combinação de que quando um fala o outro escuta. Eles ainda querem falar muito e escutar pouco, está um pouco difícil a compreensão de que, para a comunicação acontecer, eles têm que escutar também.

Na segunda aula com o slackline, tivemos alguns momentos marcantes. A primeira delas foi uma modificação do plano de aula que realizei logo que iniciou a aula. Fizemos a Brincadeira de Nunca Três, ou seja, é um pega-pega que tu foge em duplas e tem um pegador, quando esse pegador pegar um da dupla, o que não foi pego vira pegador. Porém, eles não entenderam que quem saía era o que sobrava e não quem era pego. Então, deixei da forma que eles compreenderam que quem era pego saía da dupla.

O segundo momento foi a consequência de ter montado os slacklines mais compridos do que na primeira aula. Tinha pensado em questão de aproveitamento da corda, porém, ao deixar a corda mais comprida, ela também ficou mais instável, dificultando a passagem dos alunos. Além da instabilidade deixar mais difícil o caminhar sobre o slackline, tinha a questão do tempo, que a corda estando mais comprida e mais difícil de se passar, eles demoravam mais para conseguir atravessar de um lado ao outro. Com isso, fui criando alternativas para ajudá-los, pois estava difícil para eles andarem no slackline, mesmo com auxílio do colega. No final da aula, ajudei um a um, andando na frente deles, pois, como estava difícil os fazer olharem para o pilar e não para a corda, eu caminhando na frente conseguia chamar a atenção deles para mim. Assim, todos conseguiram atravessar praticamente sozinhos.

No final da aula, conversei com os alunos sobre as atividades realizadas e as crianças verbalizaram que se sentiam mais seguras quando eu as auxiliava. Por mais que não se segurassem em mim o tempo todo, só por eu estar ali eles acharam mais fácil fazer a atividade, o que é compreensível, a partir do momento em que sou referência para eles durante a aula de Educação Física. Outra discussão que tivemos foi quando cobrei deles o olhar para o pilar e não para o slackline. Eles me disseram que não conseguiam olhar para o pilar, pois lá estava pichado “fica Temer” e eles não gostavam do Temer.

Nessa discussão, muitas coisas passaram pela cabeça: como trataria isso com eles, se eu concordaria e falaria a minha opinião sobre o que chamo de golpe, o golpe machista, preconceituoso e capitalista. Mas aí me veio outro lado, de como eu estaria sendo separatista se eu reforçasse isso e esse medo de que eles estivessem só reproduzindo, sem compreender toda a situação que o país está passando. Então perguntei se eles entendiam porque muitas pessoas concordavam com o impeachment. Expliquei que existe mais de uma forma de visão e que cada pessoa, dependendo da sua visão, defenderia a presidência de uma forma. Expliquei que, independentemente da nossa opinião, a gente não pode deixar de escutar o outro, pois sempre podemos aprender algo com opiniões diferentes. Aproveitei essa deixa para finalizar essa parte da conversa, dizendo que, ao mesmo tempo em que cada um de nós é diferente, todos somos seres humanos, pessoas com sentimentos, que todos temos os mesmo direitos, que devemos sempre respeitar as pessoas e que é isso que faz de nós todos iguais.

O último momento marcante da aula foi quando retomamos o assunto do circo e eu me referi às nossas aulas como o “nosso circo”. Ao fazer isso, eles prontamente associaram que, se nós tínhamos um circo, precisávamos de um nome para ele. Sugiram algumas sugestões e, depois de uma votação, decidimos que o nosso circo se chamaria Circo Aprendiz Mania de Criança.

Essa aula, por mais que tenha tido coisas bem claras que pudessem ser melhoradas, acho que teria sido impossível ser melhor, pois, se tudo tivesse sido absolutamente perfeito, não teria nos dado a oportunidade de ter essas discussões tão impressionantes. Parando para pensar, acho que essa aula me marcou muito, me fazendo me questionar que tipo de professora eu quero ser e que diferença eu quero que o circo faça neles, pois seria muito fácil eu concordar com eles e reproduzir a minha opinião, mas assim não daria para eles a liberdade de pensar e criticar as próprias ideias. Vejo o circo muito dessa forma, como algo que, através da liberdade de expressão e uma maior autonomia, mostra para os alunos o respeito, a identidade, a descoberta e como isso nos faz crescer. Vi essa aula muito como uma troca, aprendi muito sobre mim mesma com eles, me sentindo não só a professora que está

passando conhecimento para eles, mas como alguém que está inclusa nesse momento de autoconhecimento.

### 4.3 Acrobacias

No conteúdo das acrobacias entram muitos movimentos diferentes, em que existem progressões das mais simples às mais complexas. Foram duas aulas e meia desenvolvendo esse conteúdo e as acrobacias escolhidas por mim foram: rolo para frente, rolo para trás, macaquinho (processo pedagógico para a parada de cabeça), parada de cabeça, pirâmide de dupla em contrapeso, pirâmide de trio em contrapeso, pirâmide de seis em quatro apoios e pirâmide de dez em quatro apoios. Essas acrobacias foram divididas essencialmente em duas aulas e mais a parte final de outra aula para um melhor estudo da pirâmide de dez. Na primeira aula foram trabalhadas as quatro primeiras acrobacias citadas e na segunda, as demais.

Antes de começar a aula, a professora Anelise me questionou sobre a quantidade de acrobacias que eu tinha pensado em trabalhar em aula, pois ela tinha achado que eram poucas. Nesse momento, fiquei um pouco confusa, pois, como já tinha estagiado em um projeto de extensão da UFRGS de Ginástica Artística, tinha em mente um modelo de aula mais técnica, o que percebi que não era necessário para essa aula. Com isso, eu poderia trabalhar mais movimentos dentro de uma única aula. Então, acrescentei o avião e a roda (estrelinha). E no fim a sequência deu muito certo, os alunos adoraram.

Uma coisa que atrapalhou um pouco foi o tamanho da sala. Por não ser muito grande, ficou todo mundo meio apertado. Se fosse em um lugar mais aberto, a sequência poderia ter sido maior e mais espaçada. Se tivesse sido assim, teria dificultado um pouco muita conversa entre eles. Mesmo assim eles foram bem, não houve nenhum problema, ficaram na fila, respeitaram os colegas e, como sempre, se incentivam muito.

A aula foi muito boa, mas mesmo assim ando com um pouco de dificuldade de fazer eles me escutarem e me questiono se o conteúdo trabalhado não ajuda nisso, pois, como o circo trabalha mais uma liberdade deles em alguns momentos, tenho medo de que isso faça aos poucos eu ir

perdendo mais ainda a escuta deles. Eles fazem todas as atividades, se empenham e parecem se divertir muito, mas estão sempre conversando bastante, o que não incomoda sempre, mas atrapalha bastante quando preciso explicar algo e não consigo, pois tenho que gritar para chamar a atenção. Nesse dia, falei para eles que eu estava ficando muito chateada com isso, porque queria continuar trazendo coisas assim para eles, mas precisava da ajuda deles e que esperava que isso melhorasse nas próximas aulas.

Na segunda aula, onde o enfoque eram as pirâmides, começamos com a chamada na sala de aula e lá eu os lembrei de que eu precisaria da ajuda deles, precisaria que eles me escutassem, pois a gente iria trabalhar com pirâmides e, para que ninguém se machucasse, seria preciso estar sempre atento às nossas falas. Começamos a aula fazendo a pirâmide de dupla em contrapeso e, nessa pirâmide, a maior dificuldade deles era colocar o peso para trás, eles ficavam com medo e mantinham o corpo muito para a frente. Porém, aos poucos eles foram conseguindo, com a nossa ajuda. Na de trio, a dificuldade foi outra, pois tinham que equilibrar duas pessoas para ser base, tinham que entender como os dois deveriam se movimentar juntos e manter os corpos bem juntinhos, para que o colega conseguisse subir bem. Para isso, precisei que eles prestassem muita atenção às minhas instruções e isso foi complicado.

Nessa aula, precisei parar mais de uma vez para dar dicas para que as pirâmides funcionassem sem ninguém se machucar e isso foi bem complicado, pois eles estavam falando muito e muito alto. Houve um momento em que precisei falar sério com eles sobre o quão difícil é para mim assim, que eu preparava as aulas da melhor forma possível para eles, mas que eles não me deixavam falar e que seria muito ruim se alguém se machucasse, porque não escutou a minha dica ou recomendação. Eles argumentaram que eles estavam falando sobre a aula, porque se empolgavam e estavam curtindo. Então eu enfatizei que eu também estava curtindo e me empolgando com as aulas e por isso que levava cada vez mais coisas para eles, mas que eu precisava que eles me escutassem quando eu fosse falar, porque senão não iria funcionar. Depois disso, a aula seguiu mais tranquilo, toda vez que precisava falar eu levantava a mão e chamava eles uma vez, depois ficava em silêncio com a

mão levantada até eles se acalmarem para me escutar, o que deu certo, pois assim eles se cobravam o silêncio para poderem me escutar.

Quando passamos para as pirâmides de seis pessoas, eles ficaram apavorados no começo, achando impossível, porém todos conseguiram, chegamos a realizar 5 vezes essa pirâmide. Para finalizar, tentamos fazer a pirâmide de 10 pessoas, tentamos duas vezes, revezando quem estava na pirâmide, mas não deu certo, sempre quando a pessoa topo ia subir, eles caíam. Expliquei para eles que essa era a mais difícil, mas que íamos tentar de novo na próxima aula.

Pelo envolvimento deles nas pirâmides e o tempo que foi necessário para que vissemos tudo, conversássemos sobre tudo, acabamos não fazendo a parada de mão, que eu tinha colocado no plano de aula. Acabei nem comentando com eles sobre o assunto. A aula com as pirâmides foi muito boa e proveitosa. Imaginei que seria muita informação se passasse mais algum conteúdo e não teríamos aproveitado tanto o aprofundamento e experiência deles com as pirâmides como fizemos.

No final da aula seguinte, tentamos novamente realizar a pirâmide de dez pessoas, fizemos duas ou três tentativas, trocando as pessoas que iriam nas pirâmides, mas ainda não deu certo. Então, lembrei que tinha dito que essa pirâmide era mais difícil, que a gente iria tentar mais vezes nas aulas específicas de práticas, mas que, se a gente não conseguisse, tudo bem, que o importante era que a gente tinha tentado. Admito que nesse momento fiquei com bastante medo de que eles se desmotivassem com o circo, por não conseguirem fazer essa pirâmide. Por mais que eles não tenham se mostrado desmotivados, foi perceptível que ficaram chateados de não conseguirem fazer a pirâmide de novo.

#### 4.4 Expressão Corporal e a Imagem do Palhaço

Para esse conteúdo, organizei uma progressão em três aulas, começando pela vivência e reconhecimento das emoções nas expressões corporais, partindo depois para a parte mais profunda, explorando as emoções que normalmente reprimimos, como o medo e a vergonha. E, por fim, usando

tudo isso para reconhecer a imagem do palhaço, o ser que, em minha opinião, é o que entra em maior contato com a pureza humana.

Na primeira aula, comecei perguntando o que eles achavam dos palhaços e a grande maioria adorava, mas tinha uns dois ou três que falaram que tinham medo. Então fizemos uma reflexão sobre a imagem dos palhaços e porque algumas pessoas têm medo deles. Mostrei que, diferentemente do que é mostrado em muitos filmes, que fazem as pessoas sentirem medo dos palhaços, o palhaço tem um papel importantíssimo para muitas pessoas, como, por exemplo, os projetos de Drs. Palhaços que fazem atuações em hospitais, ajudando tantos os pacientes quanto as suas famílias a passar por momentos complicados. Com isso, voltamos a discussão para a relação dos palhaços com as aulas de Educação Física e, para isso, contei que o palhaço é o ser mais sincero que existe, que, quando palhaço, a gente não tem medo do ridículo, porque na realidade não existe ridículo, tudo que é feito com amor e carinho é lindo, mesmo que haja pessoas que não achem. Contei para eles que tem uma frase de palhaços que eu amo, que diz assim: “o Palhaço esconde o nariz e mostra o ser humano” (Drs. da Alegria).

Para a parte principal dessa aula, preparei duas atividades (massinha de modelar e espelho), nas quais os alunos me surpreenderam com sua sensibilidade, foi sensacional. Passei de dupla em dupla, eles iam me mostrando as coisas que faziam, às vezes nos chamavam para mostrar também, foi muito legal. Eles se envolveram e se entregaram para as atividades, brincando com todos os tipos de movimento e expressão facial, foi bem engraçado mesmo.

Nessa aula, houve um avanço que, para mim, foi absurdamente importante, pois, além de perceber os alunos mais sensíveis, senti que eles estavam mais conectados comigo, não precisei ficar pedindo para falar nenhuma vez, toda vez que eu precisei falar eles se chamavam a atenção uns dos outros para que eu pudesse falar. Foi muito mais tranquilo, nesse quesito. Não teve nenhum estresse, nada, eles estavam agitados, como sempre, mas cuidadosos comigo e com os colegas, foi muito bom isso.

Na segunda aula, fizemos a atividade de corrida cega, onde antes de correr até a barreira de colegas fiz com eles meio que uma meditação induzida,

fazendo eles imaginar coisas e confiar mais neles mesmos antes de correr de olhos fechados até a barreira. Fizemos isso duas vezes, cada grupo. O resultado foi sensacional. Na segunda vez, houve mais crianças que confiaram em correr de olhos fechados até a barreira do que na primeira. Foi muito legal ver a reação deles enquanto eu ia induzindo a imaginação criativa deles. Alguns iam realmente se empoderando, dava para ver como se posicionavam, como acomodavam o corpo no espaço. Houve alguns que eu precisei ir do lado, tanto da primeira vez quanto da segunda, para ir dizendo que podia ir, que eu estava do lado, para confiar e se entregar nessa atividade.

Foi muito gostoso ver a entrega e diversão deles nessa atividade, a confiança que tiveram em mim e nos colegas, mesmo que conquistadas aos poucos, na primeira vez indo com um pouco mais de receio, mas na segunda melhorando isso. Temos que aprender a nos entregar e confiar mais. De acordo com o que vivemos, vamos criando tantas barreiras, que fazem o medo ser maior do que muitas outras emoções. O que por um lado é útil, o medo serve para a nossa proteção, mas devemos cuidar para que ele não nos impeça de viver experiências e coisas novas, pelos “traumas” do passado.

No final deste aula, fizemos um momento de mostra palhacêutica, onde cada aluno que se sentisse à vontade iria para o centro da roda fazer uma palhaçada, contar alguma piada, o que fosse para divertir a turma. Aí foi muito legal, porque a gente definiu que ficaríamos todos sérios e que o desafio do colega que fosse ao centro era nos fazer rir e que a gente ia tentar ao máximo não rir. E foi muito difícil ficar sério, eles foram lá e dançaram, contaram piadas, deram sustos, fizeram caretas e era tudo muito engraçado, se soltaram mesmo. Acho que essa atividade proporcionou muita interação entre os alunos. Até os alunos mais tímidos foram no centro fazer alguma coisa para divertir a turma. Todos foram e se esforçaram ao máximo para divertir os colegas, sem medo do ridículo, sem medo da piada. Para mim, essa aula foi uma das mais importantes, não só porque vi um grande avanço na escuta deles, como na entrega, conexão e compreensão das atividades. Foi lindo, é quase indescritível a leveza que foi a aula, como todos estavam unidos, foi lindo!

Logo após o término da aula, fui conversar com a supervisora do Estágio, a professora Anelise, e ela me questionou sobre o trabalho do palhaço

dentro das aulas de Educação Física Escolar, pois para ela a Educação Física tem mais a ver com movimentos e ela não via muito isso como objetivo nessas minhas aulas. A resposta para isso estava muito clara para mim, pois sinto o palhaço muito incluso dentro de uma parte importantíssima da expressão corporal e, portanto, dentro da Educação Física. Importamos-nos muito com os movimentos e os corpos, mas as emoções que existem dentro desses corpos e movimentos são tão importantes quanto e deveríamos considerar isso nas nossas aulas. Muitas coisas na nossa sociedade são tão quadradas, tão restritas e reprimidas e tudo isso afeta o nosso corpo, os nossos movimentos. O *clown* libera isso e, na minha opinião, da forma mais bonita possível, da forma brincada e divertida, assim percebendo que não precisamos aceitar todas as restrições que existem, principalmente aquelas referentes às nossas emoções.

As emoções, quando reprimidas, podem nos afetar de muitas formas, se manifestando às vezes até em forma de doenças. Assim também criamos as famosas “couraças”, que são armaduras que usamos para nos proteger de entrar em contato com sentimentos muito dolorosos ou difíceis de lidar (Albertini, 1994). E aí vejo a grande importância do palhaço nas aulas de Educação Física. O palhaço é intenso e, através de brincadeiras e jogos, podemos aos poucos ir liberando as emoções e tirando alguns pesos que não precisamos carregar para sempre. A Educação Física não é só um meio de ensinar movimentos, jogos, técnicas e etc., mas é também um meio de ensinar um ser humano a lidar com o seu corpo e suas emoções.

Quando conheci as atividades *clowns*, uma mudança fundamental ocorreu na minha vida, de autoconhecimento e liberação de muitas coisas, que me permitiram crescer e aprender muito como lidar com as minhas emoções, como quero lidar com o mundo hoje e como vou me inserir nele. E acho que, se de alguma forma eu chegar perto de passar algo assim para os meus alunos, ou pelo menos dar um ponto de partida para eles, já é algo sensacional.

Na terceira aula fizemos uma atuação *clown*, onde levei os alunos para passear pelo colégio com o nariz de palhaço distribuindo abraços e carinho para as pessoas. Para isso, pedi que cada um criasse um nome e uma idade

para o seu palhaço e disse que, enquanto eles fizessem isso, eu ia dando os narizes de palhaço. Aos poucos, foram aparecendo palhacitos bem diferentes, foi sensacional como eles imergiram nisso. Tinha uns bem tímidos, uns mais exibidos, uns que falavam mais e outros que só te olhavam e faziam mímicas. Conversando com eles, eles deram a ideia de fazermos o palhaço mudo e assim fizemos. Essa turma que faz e acontece, fala de tudo, eram uns palhaços tímidos e carinhosos, foi sensacional essa vivencia.

Já na sala, como o tempo já estava curto pedi que eles me devolvessem os narizes de palhaços e perguntei se tinham gostado da atividade. A resposta deles foi muito simples, todos vieram me dar um abraço. Foi lindo, me emocionei muito, agradei e elogiei muito eles, porque eles se comportaram muito bem nesse dia. Foi tudo muito lindo mesmo!

Algo bem interessante que ocorreu foi que, na aula seguinte, logo após essa dos palhaços, a professora de turma me contou que ela está usando o abraço para assuntos da turma também. Como os alunos implicam muito uns com os outros e são muito ríspidos com as palavras, ela pegou o modelo do abraço dos palhaços para que eles comecem a se abraçar mais com as palavras também. Achei muito bom que ela começou a utilizar a questão atitudinal do circo no dia-a-dia dos alunos também.

#### 4.5 Malabares e Swing Poi

Nesse conteúdo, achei que seria muito bom, além de eles aprenderem a como manejar os materiais, que eles soubessem como construí-los. Planejei que houvesse uma aula de construção dos materiais, com uma parte final de exploração, para que, na próxima aula, pudéssemos investir mais no conhecimento dos materiais e suas habilidades trabalhadas.

O primeiro dia de construção dos materiais foi num dia de chuva onde todos os alunos estavam presentes, eles já estavam bem agitados quando eu cheguei. Fizemos a aula na sala para que eles tivessem os seus materiais de estojo e mesa para a construção. Comecei demonstrando para eles como se faz um malabar e um swing poi, eles adoraram. Mas, aos poucos, fui percebendo que houve muito tempo de espera e que, além de eles já estarem

muito agitados, eu não tinha organizado bem a questão de como ir procedendo. Eles conseguiram fazer alguns materiais (12 malabares e 7 swing pois), mas tivemos que terminar a aula por questão de tempo, pois já tinha até passado do nosso tempo de aula.

Eu mal sei como dizer o quão chateada fiquei nesse momento, estava com vontade de chorar, por não ter organizado isso melhor. Dei muitos comandos e muitos estímulos diferentes, não calculei bem como seria isso. Acho que me empolguei demais, por estar dando tão certo até aqui, que fui pega de surpresa. Admito que isso me chateou muito, na hora mandei uma mensagem para a professora Anelise, ela me acalmou um pouco e me disse para eu tentar de novo, mesmo sabendo que o meu tempo era curto, que eu tentasse organizar isso de novo com a professora de turma, para que tanto eu quanto os alunos finalizássemos isso. Pensando que, se isso foi ruim para mim, imagina para eles que não conseguiram fazer as coisas e não foi nem por culpa deles.

Com isso, falei por mensagem com a professora da turma, que foi absurdamente compreensiva. Combinei com ela que na quinta-feira antes do recreio eu usaria do tempo de uma aula (45min) para que eles refizessem os materiais. Também combinei com ela que assim que chegasse em casa iria gravar um vídeo meu construindo os materiais, para mandar para o grupo deles do Facebook, onde todos os alunos que estão no grupo e seus pais poderiam acompanhar e ter sempre que quisessem montar. Além disso, quando cheguei em casa fiz mais uns 30 malabares e uns 20 swing pois, para que, caso não desse certo de novo a construção dos materiais, eles tivessem os materiais para partimos para as atividades.

Na aula seguinte, comecei pedindo desculpas para eles, por a gente não ter conseguido terminar de construir os materiais. Admiti que era culpa minha, que eu não tinha organizado bem, mas que queria muito que dessa vez desse certo e que precisaria da ajuda deles. Separei a turma ao meio, pedi que organizassem as suas classes nos dois grupos. Aí expliquei que um grupo iria construir três malabares enquanto o outro construiria três swing pois, e assim que os grupos terminassem trocariam os materiais de grupos, para que o grupo que construiu malabares tivesse a experiência de construir swing pois e vice e

versa. Consegui ir ajudando eles, mas eles conseguiram fazer basicamente sozinhos, se ajudando, cada três ou quatro alunos ia construindo um material e, dentro desse minigrupo, deu super certo, eles ficaram super empenhados. Eles montaram tudo praticamente sozinhos, se ajudaram e eu ia auxiliando no que era necessário. Deu tão certo essa aula que sobrou tempo, sobraram uns 15 minutos ainda, antes do recreio, que aproveitamos para que eles explorassem esses materiais que construíram, sem incluir os que eu já tinha feito. Na sala mesmo eles iam revezando os materiais entre si e explorando. Foi absurdamente bom isso essa repetição de aula.

Eu senti que precisava dessa nova tentativa, dessa segunda chance, para que eu visse a organização que dava certo, mas principalmente para a minha autoconfiança com o trabalho de circo com eles. Tinha me afetado muito não ter conseguido antes e toda a desorganização que ficou para todos. Óbvio que não deu para que cada um construísse o seu material, mas alcancei o objetivo de eles saberem construir o material, de eles finalizarem a construção do material para a turma e com a turma, assim trabalhando também a coletividade deles, o que foi muito bom. Fiquei feliz, alcancei o meu objetivo com isso e compreendi que precisei ter errado antes para que dessa vez desse certo.

Após o recreio, fizemos a aula com os materiais e foi sensacional. Eles aproveitaram muito os momentos de exploração dos materiais. Assim que percebia o momento, fui passando desafios para eles e cuidando a resposta deles para cada estímulo que eu dava. Foi um dia com bastante sucessos. Por mais que não tenhamos muito tempo para aprofundar mais o estudo dos materiais, senti que consegui desafiar eles bastante e, com isso, auxiliar no desenvolvimento deles na iniciação desses materiais.

#### 4.6 Momentos de Práticas e de Criação

Para mim, esses momentos eram os mais importantes, pois eu poderia avaliar se tudo que passei de circo para eles foi um bom investimento ou não. Separei em três momentos: duas aulas práticas, para lembrar o que já

háviamos visto, e uma aula onde eles se apresentariam mostrando dois conteúdos do circo com os quais mais tinham se identificado.

A primeira aula prática foi para relembrar as acrobacias e o slackline. Nessa aula, eles estavam bem independentes e com bastante autonomia, eu simplesmente determinava o tempo que um grupo ficava na estação das acrobacias enquanto o outro grupo estava na estação do slackline. Auxiliei mais nas acrobacias e, por isso, não consegui assistir muito como foram as coisas no slackline, mas o Chico, minha dupla de estágio, me disse que foi super bom, que a grande maioria conseguiu atravessar o slackline somente com o auxílio do colega e que ainda alguns se arriscaram a ir sozinhos, não conseguiram muito, mas ficaram bem felizes pelo fato de tentarem. Dessa vez, cuidei o tamanho do slackline, não o montei muito comprido e deixei longe do pilar que dizia “fica temer”, para que não houvesse distrações e nem muitas dificuldades além das já existentes.

Para finalizar a aula, fomos tentar a pirâmide de 10 pessoas novamente e, para isso, comecei lembrando que podia ser que a gente não conseguisse, porque ela é difícil, mas que insistiríamos, pois eu acreditava neles. Escolhi os alunos e fomos pouco a pouco montando. Quando estava no terceiro grupo, um lado caiu e o outro se manteve super estável. Na hora eu pensei em pedir que todos descessem e que a gente recomeçasse, mas os alunos que estavam de fora se levantaram e começaram a incentivar os colegas a se manterem firmes. Substituímos o aluno da base que tinha cedido e fomos remontando a pirâmide. Quando vi que estava dando certo, juro que não acreditei, coloquei a última de topo e a turma inteira começou a bater palmas. Quando vi que ia começar a ceder, puxei a topo para o meu colo, para que ela não caísse em cima dos colegas, e foi tudo muito rápido. Quando vi, a turma inteira estava vindo me abraçar e a gente começou a pular e gritar: “nós conseguimos!”. Não sei se algum dia já tinha sentido algo assim, mas eu estava tremendo de emoção nesse momento, sem saber muito bem o que fazer depois daquilo. Foi sensacional! Subimos para a sala e foi muito engraçado, porque todos, todos mesmo estavam numa alegria muito boa, mesmo os que não tinham participado da pirâmide estavam super felizes pelos colegas terem conseguido. Foi muito bom isso, sério, demais!

No segundo dia de prática, priorizei os malabares, swing poi e a imagem do palhaço. Segui a mesma ideia da aula anterior de prática, deixando eles bastante livres com os materiais e nariz do palhaço. Instigava-os até certo ponto, queria que eles criassem, se desafiassem e aos poucos fossem vindo até mim com as suas dúvidas, e assim foi. Começamos com os palhaços, onde eles ainda demoraram um pouco para se entregar. Iniciaram tímidos, e aos poucos, foram se soltando e se divertindo com isso. Nos malabares e swing poi, começamos explorando o que já tinha sido visto na outra aula deste assunto. Eles se lembravam bem de tudo que havíamos visto, isso foi demais! Fizeram bem o processo do malabarismo, uns com mais facilidade e outros com mais dificuldade. Equilibraram o malabar em diversas partes do corpo, juntaram movimentos, fizeram muitas coisas e todas muito legais. No swing poi, foi bem interessante como juntaram movimentos das acrobacias com os do swing poi.

Foi muito bom observar isso e ver que valeu a pena, como eles eram mesmo participativos, engajados e, um dos quesitos mais importantes para mim, cuidadosos. Eles cuidavam do seu material, cuidavam os dos colegas para que não fosse jogado muito forte e acabasse estragando. Foi muito bom mesmo! Acho que a aula foi bem boa, fiquei bem satisfeita de ver que eles tinham aprendido as coisas do circo, no pouco tempo que tivemos. Fiquei muito feliz em perceber que consegui o envolvimento deles.

No dia das apresentações do nosso circo, foi uma satisfação só. Eles se juntaram, trabalharam em grupos, se organizaram, como se eu fosse somente um meio para que tudo ocorresse. Eles ultrapassaram as minhas expectativas esse dia, criaram muito a partir de tudo que trabalhamos, poucos fizeram exatamente o que vimos e os que fizeram foi tudo bem feito. Foi lindo!

Para finalizar, sentamos para conversar sobre tudo isso que tínhamos visto no circo. Eles pareciam muito felizes, estávamos todos deslumbrados, extasiados. Falamos sobre como as apresentações deles foram boas, muitas coisas inovadoras que eles criaram, que foi muito legal ver isso. Também falamos que, além de todas essas habilidades que as atividades circenses nos proporcionam, tem também toda a parte artística e toda a parte de que entramos em contato conosco, sem que tenhamos vergonha de fazer as coisas

certas ou erradas, mas que a gente tenta e experimenta sempre, pois assim podemos aprender cada vez mais.

Agradei muito a eles por tudo, disse que estava muito feliz com o que tínhamos feito. O momento de criação deles foi muito bom, eles me surpreenderam muito, criaram, trabalharam em conjunto e prestigiaram muito as apresentações dos colegas. Tenho o sentimento de dever cumprido, de que o meu objetivo foi alcançado, pois não só vi aprimorar as habilidades deles, mas também a sensibilidade e atitude deles com os colegas, e isso foi simplesmente o melhor que eles poderiam ter me proporcionado.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho começou a ser idealizado por uma paixão minha pelas artes e práticas corporais. Desde o começo dos estudos, fui refletindo sobre como seria a melhor forma de aplicar o circo na escola e se o circo seria mesmo algo proveitoso para os alunos e seus desenvolvimentos. Na medida em que as realizava minhas leituras, percebi que era possível e válido investir nisso.

Por meio das reflexões que fiz durante esse estudo, consegui constatar que, através dos desafios proporcionados pelas atividades circenses, o desenvolvimento da sensibilidade dos alunos ultrapassou as minhas expectativas. No entanto, imagino que esse trabalho do circo deveria ser algo desenvolvido com muito mais calma e tempo disponível. Considero que, no quesito atitudinal e conceitual, os alunos evoluíram de forma magistral. Porém, no nível procedimental, sua evolução não foi tão boa quanto seria se o trabalho tivesse sido desenvolvido por mais tempo. De toda forma, eles tiveram a oportunidade de experimentar e vivenciar as atividades circenses.

Com a riqueza de habilidades e diversidade de conhecimentos que envolve as atividades circenses, acredito que isso poderia ser organizado em um plano de ensino com uma duração maior do que somente 14 aulas, para que, assim, as habilidades circenses pudessem chegar a um nível superior. Mesmo assim, não desconsidero a importância do que desenvolvi durante essas aulas. No slackline, por exemplo, por mais que eles não tenham conquistado o nível de atravessar caminhando sozinhos, trabalhamos muito o equilíbrio deles; nas acrobacias, em que a grande maioria conseguiu realizar todos os movimentos, com mais tempo poderíamos ter tido uma exigência técnica e de autonomia maior; nos palhaços, em que o nível trabalhado foi gratificante, poderíamos ter desenvolvido mais atividades sensíveis para o autoconhecimento e formas de expressão de cada um; nos malabares e swing pois, houve uma ótima aprendizagem sobre como manejar os materiais, uma iniciação no malabarismo e um bom desenvolvimento no swing poi, o que, com mais tempo de trabalho, poderíamos ter avançado para um domínio maior dos objetos.

Mesmo reconhecendo os limites do trabalho desenvolvido, acredito na importância da presença do circo na escola. Conforme salientado na revisão de literatura, Rodrigues (2007) comenta que é papel da Educação Física proporcionar alternativas de incentivo criativo e de expressão corporal. No trabalho que desenvolvi na Escola Estadual de Educação Básica Presidente Roosevelt, isso é visto na forma como desenvolvi os conteúdos do circo, permitindo a eles momento livres de experimentação e criação, onde cada um teve espaço para se expressar como bem entendesse, respeitando uns aos outros e tendo a minha imagem ali, como uma mera facilitadora do momento.

No momento inicial ou final de algumas aulas, dependendo do conteúdo que iríamos desenvolver naquele dia, fizemos reflexões sobre a história e a relação de tal conteúdo com a Educação Física, mostrando a sua importância na nossa cultura hoje em dia. O circo, pela sua variedade de formas artísticas de expressão, já carrega uma riqueza cultural gigante. Por esse motivo, Bortoleto e Machado (*apud* Sanches, 2015) justificam a inserção das atividades circenses na escola, defendendo que as instituições de ensino se apresentem comprometidas em transmitir o legado cultural existente. Portanto, os autores compreendem que o circo, como componente da cultura corporal de movimento, não pode ficar fora disso.

Através dessa experiência e estudo me inspirei, me desafiei e aprendi muito. Foi muito satisfatório perceber que vale a pena investir em nossos sonhos e crenças. E eu acredito que, através das aulas de Educação Física na escolar, podemos plantar muitas sementes na vida de nossos alunos, acredito na arte e no desenvolvimento pessoal de cada um de nós. E é nesse sentido de experiências e vivências dos professores que Costa, Tiaen e Sambugari (2008) afirmam que estes podem promover a relação entre a prática e a teoria, dando cada vez mais vida para as suas aulas, onde o professor se aceita na posição de aluno também, estando aberto para aprender e compartilhar o desenvolvimento de seus alunos. Assim, ele terá mais condições de ajudá-los a se tornarem sujeitos críticos para um mundo cada vez mais dinâmico.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTINI, Paulo. **Reich: história das ideias e formulações para a Educação**. São Paulo: Ágora, 1994.

AQUINO, Millena da Silva. **Circo e educação: atividades circenses na Educação Física escolar**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física da Faculdade de Ciências da Educação e Saúde) – Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2014.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Atividades circenses: notas sobre a pedagogia da educação corporal e estética. **Cadernos de formação RBCE**, p. 43-55, jul., 2011.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2016.

CARAMÊS, Aline de Souza; KRUG, Hugo Noberto; TELLES, Cassiano; SILVA, Daiane Oliveira. Atividades circenses no âmbito escolar enquanto manifestação de ludicidade e lazer. **Motrivivência**, Ano XXIV, n. 39, p. 177-185, dez., 2012.

COSTA, Ana Carolina Pontes; TIEN, Marcos Sergio; SAMBUGARI, Márcia Regina do Nascimento. Arte circense na escola: possibilidades de um enfoque curricular interdisciplinar. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, v.11, n. 1, p. 197-217, 2008.

DUPRAT, Rodrigo Mallet. **Atividades circenses: possibilidades e perspectivas para a educação física escolar**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2007.

DUPRAT, Rodrigo Mallet; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Educação Física escolar: pedagogia e didática das atividades circenses. In: **Revista**

**brasileira de ciências do esporte**, Campinas, v. 28, n. 2, p. 171-189, jan., 2007.

DUPRAT, Rodrigo; BARRAGÁN, Teresa; BORTOLETO, Marco Antonio. Atividades Circenses. In: GONZÁLEZ, Fernando; DARIDO, Suraya; OLIVEIRA, Amauri (Orgs.). **Práticas corporais e a organização do conhecimento: ginástica, dança e atividades circenses**. Maringá: Editora Universidade Estadual de Maringá, 2014. v. 3.

GONÇALVES, Luiza; LAVOURA, Tiago Nicola. O circo como conteúdo da cultura corporal na Educação Física escolar: possibilidades de prática pedagógica na perspectiva histórico-crítica. **Revista brasileira da ciência e movimento**, Brasília, v. 19, n. 4, p. 77-88, 2011.

HAUFFE, Mirian Kormann; GÓIS Jr., Edivaldo Góis. A Educação Física e o funambulo: entre a arte circense e a ciência (século XIX e o início do século XX). **Rev. bras. ciênc. esporte**, Florianópolis, v. 36, n. 2, p. 547-559, abr./jun., 2014.

MAROCCOLO, Marianna Fernandes. **Atividades circenses e autoestima: um estudo teórico-empírico na abordagem gestáltica**. Projeto de Monografia (Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Educação e Saúde) – Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2014.

OLIVEIRA, Zélia Maria Freire de. Fatores influentes no desenvolvimento do potencial criativo. In: **Estudos de psicologia**, Campinas. v. 27, n. 1, p. 83-92, jan./mar., 2010.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1977.

PETTI, Diana Francis. **Benefícios das aulas de ginástica que utilizam elementos artísticos da dança, teatro e artes circenses**. 2013. Trabalho de

Conclusão de Curso (Curso de Educação Física da Faculdade de Educação e Artes) – Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos/SP, 2013.

RODRIGUES, Luiz Henrique. **Representação das atividades circenses na escola**. Dissertação (PPG em Ciências do Movimento Humano) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

SANCHES, Jonathan Wagner Ramos. **As atividades circenses e a formação continuada de professores: análise de um processo**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Universidade Estadual Paulista, Bauru/SP, 2015.

TAKAMORI, Flora Sumie; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; LIPORONI, Maikon Oliveira; PALMEN, Mario Johannes Henricus; CAVALLOTTI, Thais Di. Abrindo as portas para as atividades circenses na Educação Física escolar: um relato de experiência. **Pensar a prática**, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 116, jan./abr., 2010.

ZINKER, Joseph. **Processo criativo em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2007.

## APÊNDICES

### 7.1 Modelo de Plano de Aula e Atividades

**Local:** Escola Estadual de Educação Básica Presidente Roosevelt

**Turmas:** 4º Ano Letivo (2016/2) – Data: 11.10.2016

**Professores:** Luana Veras Weinmann e Francisco Lepkoski

**Duração:** 45'

**Objetivo da Aula:** vivenciar atividades expressivas e palhacêuticas. Compreender que expressamos emoções e sentimentos. Compreender que no palhaço não existe ridículo. Vivenciar atividades acrobáticas.

**Recursos Materiais:** colchonetes.

#### **Tarefa/Situação de Aprendizagem**

Momento Inicial: pega-pega barriga.

**Organização:** só pode pegar encostando na barriga do colega e quem for pego pelo pegador só será salvo quando um colega lhe fizer cosquinha.

**Objetivos comportamentais / Componentes críticos:** desenvolver expressão corporal de maneira lúdica e coletiva.

#### **Tarefa/Situação de Aprendizagem**

Atividade 1: Corrida cega.

**Organização:** em duplas, um dos alunos fica encostado na parede e o outro fica a uma certa distância desse aluno. O que está encostado na parede vai correr de olhos fechados até os colegas que estarão formando uma linha de distância.

**Objetivos comportamentais / Componentes críticos:** desenvolver expressão corporal, confiança e diferentes sensações de equilíbrio e noções espaço-temporal.

#### **Tarefa/Situação de Aprendizagem**

Atividade 2: Rá Fu Pim.

**Organização:** Em dupla círculo, um aluno diz RÁ levantando os braços, os dois do seu lado dizem FÚ, apontando para esse colega central, o colega que disse RÁ, por fim abaixa os braços falando PIM e passando a ver para outro colega, que assim recomeça a brincadeira. Os alunos que errarem, irão para o centro da roda fazer algo engraçado.

**Objetivos comportamentais / Componentes críticos:** desenvolver expressão corporal, atenção e desinibição.

### **Tarefa/Situação de Aprendizagem**

Momento Final: Pirâmide.

**Organização:** formar dois grupos de 10 alunos, para tentar montar a pirâmide de 10 pessoas que não foi feita na aula passada. O grupo que não estiver participando da pirâmide estará ajudando os colegas que estarão na pirâmide.

**Objetivos comportamentais / Componentes críticos:** momento final lúdico e cooperativo, realizando a pirâmide, como prometido na aula anterior.

## 7.2 Plano de Ensino

### 1-DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

ESCOLA: Escola Estadual de Ensino Básico Presidente Roosevelt

ENDEREÇO: Rua Botafogo, 396, Bairro Menino Deus

SÉRIE: 4 ano 4.

DISCIPLINA: EDUCAÇÃO FÍSICA

PROFESSOR (A): Luana Veras Weinmann

ANO: 2016

SEMESTRE: 2016/2

### 2- DIAGNÓSTICO DA ESCOLA

A escola é bem grande, tem duas quadras com rede de vôlei e duas quadras com goleiras e cestas de basquete. Tem duas áreas cobertas que podem ser utilizadas para a educação física em dias de chuva e mais uma sala que pode ser utilizada. Tem também um amplo espaço aberto com chão de terra, onde pode ser utilizado também para aulas alternativas. A escola parece

ter um bom espaço para as aulas de educação física, podendo envolver uma boa variedade de atividades propostas nas aulas.

### 3- DIAGNÓSTICO DA TURMA

Pareceu ser uma turma aberta para as propostas de aula, alguns se distraíam com bastante facilidade, outros bem adiantados, mas no conjunto me pareceu ser uma turma bem boa. Tem dois alunos especiais, mas bem participativos e esforçados.

### 4-OBJETIVOS DO PLANO DE ENSINO

Desenvolver habilidades psicomotoras, as capacidades coordenativas e condicionantes, bem como os valores de coletividade, respeito mútuo, confiança, solidariedade e cooperação com atividades das Artes Cênicas.

### 5-UNIDADES DIDÁTICAS E CONTEÚDOS

Unidade 1: Desenvolver conteúdos e habilidades que preparem e ajudem os alunos a terem mais sucesso nas atividades das Artes Cênicas, que irão conhecer junto com a tradição dessa prática corporal.

- Aperfeiçoar a familiaridade com a imagem do próprio corpo.
- Conhecer limites e potencialidades do corpo.
- Aprimorar habilidades motoras manipulativas.
- Exercitar diferentes formas de equilíbrio (dinâmico, recuperado, estático e com objetos).
- Vivenciar atitude de confiança, respeito, solidariedade e cooperação.
- Ampliar as propriedades expressivas do próprio movimento.
- Aprimorar força, velocidade, resistência e flexibilidade.
- Trabalhar as modalidades específicas do circo, como malabares, acrobacias( rolos e pirâmides), swing poi e slackline.
- Contar a história do circo junto das atividades, mostrando a sua tradição.

### - 6 METODOLOGIA

As aulas serão divididas em três momentos: aquecimento, parte principal e volta à calma. O professor irá ministrar alguns momentos das aulas de forma

dirigida, explicando e demonstrando as atividades que serão desenvolvidas junto ao caráter lúdico, e em outras partes irá dar espaço aos alunos para experimentar e participar da criação da aula. O professor também irá oportunizar o movimento criativo, dando espaço para criação de novas atividades e sequencias circenses.

### 7- CRONOGRAMA

<u>Aula 1</u>	Integração Luana
<u>Aula 2</u>	Slackline
<u>Aula 3</u>	Slackline
<u>Aula 4</u>	Acrobacias
<u>Aula 5</u>	Acrobacias
<u>Aula 6</u>	Acrobacias + Expressão Corporal
<u>Aula 7</u>	Expressão Corporal + Palhaços
<u>Aula 8</u>	Prática de relembrar as acrobacias e slackline
<u>Aula 9</u>	Palhaços
<u>Aula 10</u>	Malabares e Swing Poi – Construção dos materiais
<u>Aula 11</u>	Malabares e Swing Poi – Construção dos materiais 2
<u>Aula 12</u>	Malabares e Swing Poi - Prática
<u>Aula 13</u>	Prática de relembrar a imagem dos palhaços, malabares e swing poi
<u>Aula 14</u>	Momento criativo – Apresentação do Circo da turma

### 8-AVALIAÇÃO

- Serão realizadas avaliações de acordo com o avanço de conteúdos, para que possamos medir aproximadamente em qual atividade das artes circenses os alunos podem ter mais dificuldade. No final do semestre será feita uma avaliação final para comparar com as anteriores (momento criativo).

- INSTRUMENTOS: Serão realizados relatórios de observação que contemplem os objetivos específicos, bem como os critérios para avalia-los.

